



# O ESTAFETA



ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2013 - ANO XVI - Nº 203

## EDITORIAL

Chegamos a mais um final de ano. Parece que o relógio do tempo foi acelerado e que os últimos doze meses passaram tão rapidamente, que não nos demos conta. A fugacidade do tempo atinge a todos. Temos a sensação de que os dias ficaram mais curtos e que não nos sobra tempo para fazermos tudo que gostaríamos. Muitos atribuem a celeridade do tempo ao modo de vida que adotamos: a sociedade moderna, altamente tecnológica e competitiva, faz do homem escravo das horas. Ávidas por novidades, as pessoas as buscam nos diferentes meios de comunicação, passando a viver de maneira virtual. Com isso, deixam de vivenciar experiências triviais ou importantes, necessárias para o fortalecimento do relacionamento humano. Desse modo, a visita a um amigo, um gesto de solidariedade, um apreciar a natureza, ou mesmo uma conversa descontraída são postos em segundo plano. Vivemos, hoje, quase que o dia todo à frente de um computador, de um aparelho de TV ou conectado a algum veículo de comunicação. As conversas pelo facebook, twitter e outras redes sociais, que deveriam aproximar as pessoas, acabam por distanciá-las. As amizades tornaram-se virtuais.

Falta-nos calor humano. Ligados a um celular ou a objetos similares, observamos pelas ruas o quanto as pessoas estão apressadas. Caminham teclando e falando em uma dessas modernidades tecnológicas. Esses eletrônicos tornaram-se um apêndice do qual ninguém quer se livrar. Ao contrário, há pessoas que carregam mais de um e se sentem nuas sem eles. Se continuarmos a viver de maneira apressada, na busca não se sabe do quê, quando resolvermos parar, talvez seja tarde e tenhamos deixado de apreciar um nascer e um pôr do sol, um voo de pássaro, uma brincadeira de criança, um arco-íris após uma chuva... Talvez deixemos de conhecer pessoas interessantes e de bater um bom papo.

Não podemos nos desconectar da natureza, pois somos parte dela. O seu distanciamento é que nos dá a falsa sensação de que o tempo tem passado muito rápido. Ao contrário, o dia continua com suas 24 horas, as estações do ano com suas particularidades e beleza se sucedem. Nós é que não nos permitimos o tempo de contemplá-las.

Neste final de ano, a mensagem de O ESTAFETA é para que nos desaceleremos do ritmo em que vivemos e observemos com mais acuidade a natureza e seus diferentes ciclos, pois, interagindo com ela, comemoremos a vida.



Reprodução

É Natal! Sua linguagem universal, mesmo após mais de dois mil anos, continua contemporânea. Assim, o primeiro Natal, lá em Belém, com o nascimento do Menino Deus, humilde, numa manjedoura, foi o presente do Pai para toda a humanidade.

## Um Feliz Natal de paz, saúde e amor

“Não temas, Maria, porque achaste graça diante de Deus; eis que conceberás e dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus! E ele será grande e chamar-se-á o Filho do Altíssimo e seu reino não terá fim”.

E o milagre anunciado pelo anjo aconteceu: o Verbo se fez carne! O filho de Deus se fez presente dentre os homens, no primeiro Natal.

É Natal! Seu verdadeiro significado está na lembrança, na tradição, e é marcado pela alegria. Sem a ternura dessa recordação, toda a comemoração perde seu valor para tornar-se mera celebração material. É quase impossível alguém ficar à margem do Natal. O repicar dos sinos, os alegres cânticos, o colorido das ruas, a alegria das crianças e o sentimento de confraternização nos contagiam.

É Natal! Sua linguagem universal, mesmo após mais de dois mil anos, continua contemporânea. Assim, o primeiro Natal, lá em Belém, com o nascimento do Menino Deus, humilde, numa manjedoura, foi o presente do Pai para toda a humanidade. Ele, o Menino, veio para nos ensinar o amor. No entanto, sua mensagem precisa ser diariamente decodificada, introjetada e vivida.

Nestes tempos atuais, é preciso que o homem liberal e secularista, informatizado e com grande conhecimento tecnológico, reflita sobre a mensagem simples do primeiro presépio. E se todos os cristãos procuras-

sem viver a mensagem de Cristo Jesus, a luz de sua estrela-guia iluminaria a escuridão do fanatismo, da intolerância e do sectarismo, das vaidades pessoais e do desamor. Se as palavras de paz e fraternidade, de amor e equidade não forem postas em prática na vida de cada um e da sociedade, isto será motivo cada vez maior de perda. Por outro lado, se o Natal for um exercício de memória, de boas lembranças, de real introspecção e de verdadeiro espírito de fé, então seu significado irá iluminar o mundo.

Portanto, após reflexões sobre o que foi o ano que termina e nossa passagem por ele, devemos somar esforços para o nosso aprimoramento social, visando a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Essas reflexões, no período de festas natalinas, deverão ser feitas com propostas de mudanças. Mudanças essas que deverão ocorrer individualmente, após exame de consciência. É preciso nos penitenciarmos de nossas omissões e desamor, além de avaliarmos quanto estamos deixando de ser cristãos. É preciso que erros do passado não se repitam no futuro. Novos rumos e objetivos deverão estar diante de nós.

Que o espírito envolvente do Natal nos una na paz, na fraternidade e no amor, para iniciarmos o próximo ano repleto de realizações, espelhados no Menino. Boas festas!

## *Imagem - Memória*



Getúlio Vargas e sua comitiva durante visita à então Fábrica de Pólvora de Piquete, em outubro de 1940. Na foto pode-se identificar, além de Getúlio, o Dr. Adhemar de Barros, Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, o diretor da Fábrica, General Aquino.

## **Manobras militares no Vale do Paraíba**

O mês de outubro de 1940 foi excepcional para a população valeparaibana, que viu grande parte de seus municípios ocupados por milhares de soldados que vieram participar de uma grande manobra militar. Foram reunidos soldados de três regiões militares, sob o comando de oficiais brasileiros. A realização dessas manobras classificou-se entre as de maior envergadura pela grande concentração de equipamentos e o numeroso efetivo. Cerca de vinte e oito mil praças e mil e setecentos oficiais de todos os postos e quadros, de todas as Armas e serviços em conjugação com militares da Marinha, vivenciaram dias de intensa jornada de exercícios de campanha, sob condições variadas de clima e terreno.

Essas manobras contaram com grande parte das Forças Armadas de terra, mar e ar estacionadas no Rio de Janeiro e nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, e serviram para provar excepcional capacidade técnica e profissional dos militares. Durante essas manobras, os soldados e a população foram surpreendidos com a notícia de que o presidente da república, Getúlio Vargas, iria participar como observador dos trabalhos. O chefe do governo chegou ao Vale do Paraíba no dia 23 de outubro, desembarcando em Pindamonhangaba, e de lá percorreu toda a região. Em pleno "front", sempre uniformizado, examinou as trincheiras e todo o teatro das operações. Sob calor intenso, vencendo estradas poeirentas e atalhos íngremes, o presidente Vargas procurou manter contato com as tropas em operação, em companhia dos generais Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, e Almério

de Moura, e do interventor federal em São Paulo, Dr. Adhemar de Barros. Por onde passava, sua presença enchia de entusiasmo os soldados. Esse entusiasmo crescia quando o viam atravessando as cercas de arame e cruzando trincheiras, identificado com a rotina militar. Curioso, ouvia dos generais comandantes, detalhadamente, exposições sobre a situação das tropas e a importância tática das manobras. Todo o Vale do Paraíba percorrido por Getúlio Vargas viveu momentos de grande vibração. A presença do Chefe de Estado acompanhando as tropas em pleno "front" foi vista pela população como uma atitude de desapego às comodidades. Sua passagem assanhava os moradores, de maneira que foi com grande entusiasmo e expectativa que os piquetenses receberam a notícia de que Vargas incluía em sua programação uma visita à imensa unidade produtora de pólvora de base dupla, que estava prestes a entrar em funcionamento no complexo da Fábrica de Pólvora de Piquete e representava um dos grandes investimentos da administração Getúlio Vargas.

O presidente Vargas chegou à Fábrica por volta das 14h30min, acompanhado do Dr. Adhemar de Barros e dos generais Eurico Gaspar Dutra, Valentim Benício da Silva e Meira de Vasconcellos, bem como de outras personalidades de destaque do seu Estado Maior. Na Fábrica, já se encontravam aguardando os visitantes os generais Arthur Sílio Portela e Luiz Sá de Affonseca, além de todos os demais oficiais da Fábrica e da 2ª Residência da Comissão Construtora da Fábrica de Base Dupla e de Nitroglicerina. O presidente percorreu to-

das as dependências da gigantesca construção, subindo e descendo escadas. Recebeu informações detalhadas de todo aquele conjunto da indústria bélica. O prefeito de Piquete, José de Brito Júnior, compareceu, também, à recepção acompanhado de auxiliares imediatos, a fim de apresentar aos dignos visitantes os votos de boas-vindas. Após mais de uma hora de visita, Getúlio Vargas e demais convidados foram recebidos no Círculo de Oficiais da Fábrica de Piquete, onde foi servido um lanche. Em seguida, retirou-se, tendo declarado à direção da Fábrica achar-se satisfeito com o que vira, o que demonstrava grande esforço de trabalho realizado.

Se o Vale do Paraíba se orgulhou naquele outubro de receber o presidente Getúlio Vargas por alguns dias, em Piquete o orgulho foi maior por tê-lo recebido pela segunda vez em pouco mais de um ano.

\*\*\*\*\*

### **O ESTAFETA**

Fundado em fevereiro / 1997

#### **Diretor Geral:**

Antônio Carlos Monteiro Chaves

#### **Jornalista Responsável:**

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

**Revisor:** Francisco Máximo Ferreira Netto

#### **Redação:**

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

#### **Correspondência:**

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

#### **Editoração:** Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

**Tiragem:** 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



## GENTE DA CIDADE

### Marina Meirelles

“A gente passa nesta vida, como canoa em água funda. Passa. A água boia um pouco. E depois não fica mais nada. E quando alguém mexe com varejão no lodo e turva a correnteza, isso também não tem importância. Água vem, água vai, fica tudo no mesmo outra vez”.

O trecho acima é do romance “Água Funda”, da escritora valeparaibana, de Cachoeira Paulista, Ruth Guimarães. Ao conversar com Marina Meirelles, veio-me à mente a imagem de uma grande lagoa, de águas calmas – um lugar de muita paz... E a sensação de muita paz é, certamente, o que nos transmite esta mulher de estrutura delicada, com voz e gestos suaves...

Filha de Manoel Francisco Alves e Francisca Oliveira Alves, Marina Oliveira Alves Meirelles nasceu na casa da família, à avenida Major Pedro... Era a caçula dos sete filhos. “Minha infância foi a de uma criança feliz...”, destaca. Cita as famílias de Nenê Alves e Mário Alves, e Pedrinho, Maria e Eulina Pinto, além de seu padrinho, Godofredo Bittencourt, no rol de vizinhos naquela tradicional região da cidade. Como todos os piquetenses contemporâneos, iniciou os estudos no Grupo Escolar Antônio João, que tinha, à época, Nestor Pereira Ébola à frente da direção. Cita as professoras Maria de Lourdes Gama e Alba de Oliveira. Sobre esta última, demonstra carinho especial: “Estou certa de que foi ela que me deu a inspiração para o Magistério. Encantavam-me seus métodos de aula, a forma carinhosa como tratava os alunos, sem perder a autoridade... Ela que plantou em meu coração a sementinha que cresceu e fez com que me tornasse professora...”

Depois do Antônio João, o curso de admissão e a Escola Industrial. De lá, citou as professoras Therezinha e Maria Aparecida. Em seguida, o Ginásio Industrial. Chegou, então, à esperada Escola Normal Duque de Caxias... Ao falar desse período, Marina Meirelles se empolga: cita vários professores – Major Licínio, Ana de Lourdes Pereira, Ricarda Godoy, Rosa Cezarone, Elvécio



Rossi, João Vieira Soares, Dito de Paula, Nelson Pesciotta, José Carlos Ribeiro, Paulo Nader, Lutgardes de Oliveira... Reverencia a memória de todos e não mede elogios... “Fui privilegiada, pela qualidade do ensino que recebi...”

Formou-se professora em 1958. Como primeira aluna da turma, recebeu o “Prêmio Rui Barbosa” e foi contratada para lecionar Francês no Ginásio e Português no Ginásio Industrial, dirigidos pelos professores Augusto Ribeiro e César Dória. Cerca de cinco anos depois, em 1964, passou para o primário da “Escola de 1º e 2º Graus da FVP”, dirigida pelo professor Leopoldo Marcondes de Moura Netto. Lá se aposentou, em 1988. Conta que o professor Leopoldo queria que ela continuasse a dar aulas, mas ela disse que gostaria de aproveitar a aposentadoria. De acordo com Marina, “a atividade de catequista, iniciada em 1981, foi o que substituiu naturalmente o Magistério...”

Realizei-me ainda mais como pessoa na catequese”. Nada mais obvio: continuaria a ensinar, a educar, inspirada “pelas minhas catequistas Leonor Guimarães e Terezinha Soares”. Foram 28 anos como catequista.

Em 1958, após “troca de olhares” com Roberto Gonçalves Meirelles, que morava na Rua dos Professores, em frente à escola em que ela lecionava, começaram a namorar. O casamento aconteceu em 8 de julho de 1961 e Marina e Roberto tiveram um filho: Roberto Gonçalves Meirelles Júnior. Viúva desde 1986, Marina passou a morar com a irmã Lourdes, falecida em 2008.

Próxima de seus 75 anos, a serem completados em 21 de janeiro de 2014, Marina Meirelles é a materialização da postura elegante de uma Mestra. Parece ensinar enquanto recupera suas memórias... Seu semblante adquire ternura quando afirma que “poder encontrar ex-alunos, vê-los realizados é uma benção, um privilégio para nós, professores...”. Privilégio, D. Marina, de quem foi seu aluno...



## Democracia ditatorial

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Democracia quer dizer “poder do povo” e pressupõe liberdade ampla de expressão, direito de opinar. Esta é a forma de sociedade mais desejada pelos povos...

Imaginem-nos, então, numa assembleia sobre determinado assunto. É a maneira mais eficiente de testar os que se dizem democratas, solidários, imbuídos do espírito cidadão... Em momentos em que se defendem pontos de vista próprios, cidadãos efetivamente democratas deveriam se preocupar, principalmente, com uma solução comum, uma intersecção de ideias que atenda uma determinada comunidade.

Sempre me preocupo com o coletivo. Polício-me, até, para não ser prejudicado por falsos amigos. Tenho por princípio respeitar, invariavelmente, a opinião alheia, ainda que ela não me agrade. No momento apropriado, busco fazer valer minhas ideias por meio de argumentos que derrubem a tese contrária, angariando o apoio de outros, trazendo-os para o “meu lado”. Esta é a política verdadeira. Se vencido, acato a decisão da maioria. Este é – aí não há opção – o comportamento exigido de um cidadão democrata. Uma vez que vivemos em sociedade, a maioria deve ser a orientadora das ações. Não enveredemos, aqui, pela forma de argumentação, poder de persuasão, “influências externas”. Não é o foco e nem há espaço.

Em todos – sim, todos – os eventos de que tenho participado, porém, não é o que evidencio por parte da maioria de cidadãos ditos esclarecidos, politicamente corretos e engajados... Em uma plenária, apaixonados por suas causas, esquecem-se do direito dos colegas, exigem que suas ideias sejam as definitivas. Julgam-se os “donos da verdade”, resumindo numa expressão que diz tudo. Como agravante, para defender suas teses, desmerecem as demais, insultam os interlocutores, desrespeitam regras estabelecidas e acordadas... Comportamentos assim parecem-me, muito mais próximos de déspotas, de ditadores do que de um democrata.

Ao entrar numa discussão, há que se ter consciência de quem nem sempre sua posição sairá vitoriosa. Este é o princípio do jogo democrático. Uma vez preterido, a autoanálise deverá ser o passo seguinte: não houve intervenção convincente? A articulação não foi eficiente? Várias são as hipóteses a serem equacionadas. Entram aí a negociação, as contrapropostas ou, até mesmo, a assimilação, se não houver espaço para questionamentos. Tornamos à prática política, à negociação que poderá, no prazo acordado, permitir que a ideia derrotada se torne a vencedora. O essencial é o respeito à decisão da maioria.

Neste mês de dezembro, comemoramos o nascimento de um homem que morreria injustiçado pelo “voto” da maioria... Também aqui não entremos no mérito do tribunal que O condenou... Questionemo-nos quanto ao nosso poder de argumentação, à preparação para a defesa de nossas ideias, à nossa capacidade de aceitação da derrota, ao nosso respeito ou intolância com os que pensam diferente de nós... Somente assim estaremos sendo verdadeiramente democratas.

## O sabor do texto

Como é bom ler um belo texto, bem construído e fundamentado!

São assim as crônicas que Olavo Rubens Leonel Ferreira publicou em Lorena com o título de “De um Caderno de Memórias”, pela Editora Santuário, Aparecida. As emoções do bom cronista conduzem-nos ao que Nelson Pesciotta diz no prefácio: a “uma visão bondosa do mundo com o apreço do passado”, e um “soberbo arquivo assegurado por uma memória incomum”. A escrita dada como escoreita que faz através de um “senso do coletivo”, e a “retórica aplicada na evocação de seu círculo de memórias”, ou seja, das amizades, tendo como “lembranças de pessoas simples ou de fama” que, no dizer do prefaciador, constituem o resultado de um “corte que faz com profundidade na sociedade em que viveu e vive”.

Possuo o exemplar, que leio prazerosamente, há algum tempo – não encontrei mencionada a data da publicação. Vale-me sempre a experiência.

O autor chega com sua família a Lorena em 1954 e começa a explorar, a partir de seu primeiro pouso, o Hotel Brasil, a rua dada como “principal” (a Rodrigues de Azevedo) até à praça Dr. Arnolfo de Azevedo, onde se encontra a fonte luminosa que lhe atrai a atenção pelos “desenhos multicolors que ela joga no espaço; e as imagens que a ela são associadas: um “cesto colorido”, donde “surtem focos de água e luz que parecem bolas esfumaçadas”. Lembra-nos o nome a ela atribuído, “Maria Cecília”, e a visão da beleza que, emitida, transparece ao autor. Este, então, registra que entre os familiares, “nós de mãos dadas” a admiramos, pela “claridade e beleza” no “ar lavado da noite lorenense”. O escritor aí se delineia no garoto que se anuncia logo em seguida como aluno do “Grupo Escolar Gabriel Prestes”. Lembra o nome da professora, de alguns colegas, do diretor e dos dois serventes indicados apenas pelos nomes Porto e Augusto.

E como aluno, ainda nos verdes anos, recorda-se do dia da dispensa antecipada da aula, quando anunciaram a causa: “um homem chamado Presidente da República se matou de madrugada”, e conclui que o nome dele “parece”, era Getúlio Vargas, morador do Rio de Janeiro. Não deixa de registrar a alegria em ter suspensas as aulas daquele e do dia seguinte!

Vai cronologicamente registrando acontecimentos, e neles, suas emoções. Assim, a primeira comunhão, e a atribuição de “chatos” aos padres, declarada em confissão ao então padre João Hipólito de Moraes.

Registra os estudos no Colégio do Estado, onde a mãe foi professora, dona Nina, de História. O diretor é Nelson Pesciotta, dá os nomes de todos os professores e não se esqueceu dos dois inspetores de alunos: Elísia Tisséo e o Sr. José Milton Portugal,

cujas intervenções de bom conselheiro lembra.

Aí vêm as diversões, “o pão nosso de cada dia”, a vida comercial e bancária, as ocorrências e o registro da passagem do “Juscelino por aqui”, das lindas moças do desfile do centenário da cidade (1956). – A rainha e as princesas e o séquito grandioso.

Ei-lo então no Conservatório Musical de Lorena, a se dizer aluno de D. Lili Couto, “uma senhora idosa e muito brava”, que na certa o repreenderia por não ter estudado a lição de piano. Sei como D. Lili Couto era exigente. E também fui aluna dela, e igualmente sofri esses percalços. E Olavo Rubens vai lembrando os demais professores e, entre eles, o insigne maestro João Evangelista, e as descrições vivazes chegam acordes aos nossos ouvidos. Se Olavo Rubens chegou a ser um pianista, não sei, mas sim que é graduado em Direito, Ciências Sociais e Pedagogia, e é hoje professor universitário, professor de muitos méritos, além de escritor dos bons.

E vem o Carnaval, no “espaço perfumado do lança-perfumes”, mais as mesas de bar com “porres homéricos”. Aí passam os blocos. Assim como ele, lembro-me bem do “Pé-de-Cana”, no qual vários moços da sociedade largavam-se à galhofa, à ironia e à alegria concedida pelo álcool acumulado. E mais a “Embaixada do Sossego”, de muito samba e ginga – “em graça e beleza”, diz o cronista. Hoje não tem mais. Que saudade, não, Olavo Rubens?

O desfile das memórias continua: o encontro dos trovadores, o jogo de “bridge”. E o cronista inclui-se entre os trovadores, lembrando-se de seu “professor de sensibilidade” – um advogado, Dr. Mário Mendes –, que lhe chama a atenção ao declamar Manuel Bandeira (“Evocação do Recife”) de “maneira untuosa, gorda” e lhe mostrar beleza e dignidade na obra de arte.

E o Comercial? Relicário das lembranças lorenenses: os encontros na piscina, os bailes a rigor do 15 de agosto. Havia de usar “smoking”, portanto, comprá-los para ele e o irmão na Casa Gomes, senão o Capitão Novaes não deixava entrar.

Com ele, não se relaxava o “black tie”. Essas disposições ressoavam pelas cidades adjacentes do Vale, entre moças e rapazes suspirantes por entrar nesse baile, formalmente simbólico de uma sociedade estruturada pelos reflexos de exceção, da origem imperial e da nobreza cafeeira e sucedida por um comércio gabaritado em qualidades indiscutíveis. Ali se encontrava o que havia de melhor nos ditames da moda.

Afinal, o próprio Clube Comercial de Lorena, o mais tradicional da cidade, e mesmo entre outros da mesma estirpe do Vale, fundado em 1937 por eméritos cidadãos comerciantes. Presença marcante na praça do Jardim das Palmeiras imperiais, onde o povo,

sem entrada, circulava invejoso, e era visto pelas meninas da elite, que se compraziavam nas janelas superiores do edifício. Aqui estou usando minhas palavras ao lado das do cronista, tão minucioso na descrição que nos faz entre ouvir o “Only you” na execução marcante dos “Biriba Boys”.

O passeio sedutor de Olavo Rubens continua e é muito bom se comprazer com essas crônicas memorialísticas que nos levam para outro tempo. Passa pela prefeitura, onde encontramos o Antonio Tisseo, do qual foi oficial de gabinete. Conheci muito bem o Tisseo, que se casou com moça de família com a qual convivi – os Ferretes, de quem meus pais e eu fomos vizinhos por certo tempo e nos tornamos amigos. Tisseo era pleno de simpatia e sedução.

Olavo Rubens chega aos nomes ilustres. Por exemplo, o de D. Lili, para dizer de seu espanto em notá-la bastante idosa e, ainda ter “mãe viva, uma senhora velhíssima”. Realmente, era D. Maria Eufrásia Ribeiro da Silva Couto – como o povo dizia, Dona Maricofrásia. Convivi privilegiadamente com as duas distintas senhoras (mãe e filha), membros de uma sociedade de classe senhorial. Olavo Rubens se diz delas admirador pela distinção, mesmo tendo levado reguadas nas mãos por relaxar nas lições de piano. Tempos da “escola risonha e franca”. E de ainda ter fracassado na execução do “La Paloma” em dia festivo e amargar a derrota no cantinho do auditório.

Entre as personalidades inesquecíveis, demonstra Maria Antonieta Arantes Ferreira a mãe, dele, um dentre outros Olavos da família, o irmão e o pai. Ela, “viajora” com seu museu de lembranças pelas viagens mundo afora.

Tudo relatado, até chegar à sua fascinante Locadora de Livros – uma grande aventura do espírito emancipado. O prazer de fazer expandir a leitura.

Fecha o livro o registro da visita do príncipe Dom Pedro de Orléans e Bragança, em 14 de novembro de 1984, em passagem por Lorena, para inauguração da estância “Águas do Barão”, na chácara pertencente ao Barão da Bocaina. O príncipe em questão é neto da Princesa Isabel e do Conde D’Eu (Gastão de Orleans), os quais estiveram em Lorena para inauguração do Santuário de São Benedito e visita às instalações do Engenho Central, em fins do século XIX.

E o outro fecho é a rememoração do 15 de agosto de Nossa Senhora da Piedade e a famosa procissão, ato simbólico marcante das principais solenidades e tradições lorenenses.

Finalmente, as crônicas de Olavo Rubens nos extasiam pela linguagem viva e plena de emoções. Leiam-nas. Alonguei-me por isso – comoveram-me.

*Dóli de Castro Ferreira*

*“Jesus nasce pobre e ensina-nos que a felicidade não se encontra na abundância dos bens. Vem ao mundo sem ostentação alguma e anima-nos a ser humildes e não estar preocupados com os aplausos dos homens”*

*Francisco F. Carvagal*



Fotos Antônio Carlos Monteiro Chaves



## Serra da Mantiqueira é eleita área protegida insubstituível

Quatro dos 10 locais de áreas protegidas mais insubstituíveis do Planeta estão situados em terras brasileiras.

Elaborado pela União Internacional para Conservação, o ranking analisou 78 lugares que englobam 137 áreas protegidas em 34 países. Juntas, essas regiões protegem a maioria das populações de 627 espécies de animais, incluindo 304 em extinção em todo o mundo. Nesse importante ranking, a Serra da Mantiqueira ficou em o 8º lugar.

A cadeia de montanhas da Serra da Mantiqueira se inicia perto de Bragança Paulista, corta o Vale do Paraíba e se expande pelos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Na lista de áreas protegidas insubstituíveis, o Parque Nacional Kakadu, na Austrália, aparece em primeiro lugar. O Brasil ainda aparece no ranking com o Alto

do Rio Negro, em sexto lugar, a Serra do Mar em sétimo e o Vale do Javari em nono.

A doutora em Ecologia pela USP, Diana Valeriano, pesquisadora, estudiosa das araucárias em Campos do Jordão e grande conhecedora da Mantiqueira, alerta que a Serra da Mantiqueira não tem plano de manejo próprio. Esse documento define quais atividades podem ser feitas em cada tipo de local, estabelece o uso sustentável dos recursos e determina as atividades que podem ser feitas no entorno da área. “Enquanto não há um plano de manejo, existe a legislação ambiental para o local, mas a fiscalização é deficiente. Não há um número de fiscais suficiente. Quando você pensa em uma área considerada como representativa, pensa em toda biodiversidade singular que ela detém. As araucárias do Sudeste estão

restritas à Serra da Mantiqueira. Este é um exemplo de singularidade do local”, afirma Diana.

De acordo com o ICMBIO que administra a Área de Preservação Ambiental (APA) da Mantiqueira, o plano de manejo deverá sair até o fim do ano de 2014. “O plano de manejo é o principal instrumento de gestão que as unidades de conservação precisam ter para alcançar seus objetivos. Ele reúne uma série de estudos sobre fauna, flora, características geográficas e condições socioambientais e culturais. Em 2013 a APA realizou estudos socioeconômicos e culturais dos locais ligados à Serra da Mantiqueira, que abrange trinta municípios, divididos em três estados.

*Imagens da Vila de São Francisco dos Campos do Jordão.*

## O grande caminho

O grande caminho é o que leva a Belém no momento místico em que o mistério transmutado em milagre aconteceu. Acontecimento para mudar o curso da História, cujos protagonistas, reunidos como família, sinalizaram novos tempos para nos dar a esperança de paz. Em nome desta, um Menino nasceu. Humanizado na divindade que o individualiza e interliga, é anunciado por mensageiros alados para ligar espaços sagrados: céu e terra.

Ele vem em nome do amor para continuar a trajetória aberta pelos que o profetizaram e antecederam na missão: Abraão, Isaac e Jacó, testemunhas antecipadas que o objeto da Cristandade, existente pela promessa, mas ainda não revelado em carne, compartilhava na Trindade Santa, dentre as trindades que a crença tradicional elegia. Dado, num tempo imemorial, sem marcas, como o único e o de número revelado entre três pela ascendência e compartilhamento de dons. Em nome do qual um novo testemunho foi dado, abrindo caminho para os seguidores, adeptos, contrários, manifestantes das fraquezas humanas, crendo e duvidando. Prometidos para o grande encontro do juízo final, cujos caminhos, sinalizados por dores

e sangue e critérios de escolha, estarão apocalípticos, eleitos ou recusados e condenados. A grande final, na expansão dos tempos, no resplendor do trono, no sangue do Cordeiro sacrificado e na transcendência da humana carga. Momento atemporal das coberturas imaculadas, prontas para receber o sangue do cordeiro. Todas as expectativas superadas. Todos os ódios, ressentimentos, rivalidades e lutas transmutados na glória que os humanos não conhecem, pois foge a seu cabedal racional ou metafísico. E que será eterna e inaquilatável para qualquer medida da fragilidade terráquea.

Toda a humanidade aí estaria contida. Eis o grande mistério. Como imaginar um espaço que se vence a si próprio e ao tempo, já que esses conceitos são, afinal, abstratos, e todas as medidas estarão superadas pelo incognoscível. Nossa razão, limitada, não consegue transcender esses mistérios.

Acreditar é princípio básico dos adeptos em nomes da travessia catártica da divindade exposta em humana forma. Para os caminhos de Belém foram atraídos os Reis Magos, Gaspar, Baltazar e Melchior, representantes simbolizadores das três raças, de

acordo com as etnias: a branca (européia), a negra (africana) e a amarela (asiática). Foram em magnificências para levar ao Rei Maior incenso, ouro e mirra e fazer encontrar os lados do mundo – o ocidental e o oriental. Foram também os anjos do céu e as aves e os animais da terra. Foram os humildes pastores. O nascimento, num lugar simples, denotou a fórmula pela qual é simbolizada a simplicidade em um Menino sagrado, que, entretanto, na humildade do nascimento, mas revestido de poder e glória, provocou o sentimento de inveja em Herodes ordenando o sacrifício dos inocentes.

A estrela-guia dos caminhos, símbolo da orientada caminhada, luziu na noite sagrada e nas subsequentes para, nos desertos, montanhas e coleções aquáticas, apontar o sentido do eixo da procura culminada num abrigo de gado.

Todos os caminhos, dos exílios, das travessias impactantes, da polarização do Grande Templo de Jerusalém, sobrepujando os das demais cidades santas, e das peregrinações por todos os meios, fins e motivos se conjugarão, afinal, num só Grande Caminho, do qual Belém é a ponta inicial, o começo, o marco geratriz. **Dóli de Castro Ferreira**

## Crônicas Pitorescas

## Haja bucho...

Palmyro Masiero

– Quer me trazer um prato de “Helix adspersa” ao vinagrete...

– Não servimos elix Hisso em nosso restaurante, senhor.

– Vocês aqui não servem “petit gris”?!

– Devo confessar-lhe, cavalheiro, que não faço ideia do que seja.

– Deus! Não conhece essa espécie de molusco da classe dos gastrópodes, aqueles que têm sob o ventre um pé alargado, em forma de disco carnudo, sobre o qual se arrastam?

– Moluscos?!!

– Sim... Um ramo do reino animal que compreende os animais de corpo mole, sem vértebras nem articulação, ordinariamente envolvido em conchas...

– Perdão, senhor, mas desconheço esse tipo de prato.

– Será que neste restaurante, elogiado pelos mais refinados “gourmets” que conheço, ignoram esta iguaria admirável?

– Infelizmente, isso aí, na realidade, nunca nos solicitaram...

– Francamente... Um restaurante tido como de categoria internacional não servir “escargots” ao vinagrete!

– Por que não disse logo, senhor?! Escargot é uma de nossas especialidades!

É no que dá zoólogo em restaurantes!

Claro que tudo não passou de uma brincadeira, mas brincadeira séria! Escargot, como popularmente é conhecido o caracol do gênero Helix, em especial o “adspersa”, cujo nome comercial é “petit gris”, é um molusco gastrópode pulmonado. Só na França consomem-se milhares de toneladas desses caracóis por ano! Troço chiquêrrimo, meu!

Para quem tem estômago fraco, recomendo parar de ler aqui. Se insistir, não me responsabilizo por nenhuma ânsia de vômito... Foram avisados, hem! Vamos continuar para aqueles com estômago de legistas...

Fiquem sabendo que a lesma também é um molusco gastrópode da subordem dos Pulmonadas. E daí? Daí que, nós que não somos zoólogos, não temos nada a ver com essas divisões de espécie, classe, ordem etc e tal. A única diferença, pra mim, entre um e outro, é que a lesma não conseguiu sua ca-

sinha nem pelos programas de governo como os caracóis, que, não sendo bobos nem nada, carregam as suas nas costas, pois o seguro morreu de velho, né?!

Isto visto (tô demais...), por que não servir lesma ao vinagrete?

Estão achando um nojo, não?! Eu também! Mas em algum lugar do mundo pode ser que não seja, como é o caso dos gafanhotos, bunda de içá e até piolhos que são degustados... Jamais soube serem servidos em restaurantes de alta classe, todavia. Mas aguentem, que o próximo rojão é pior!

Na França dos grandes “gourmets” tem um aperitivo atualmente, que aqui no Brasil pode até emplacar, tendo em vista o precinho da “cesta básica”. Processaremos uma adaptaçãozinha para barateamento apenas na preparação, pois a matéria-prima tem muito nesse interiorzão todo. Preparem-se! Atenção! Lá vai! O Centro de Aplicação e de Promoção de Novas Energias Ecológicas, da cidade de Montpellier, introduziu nos restaurantes como aperitivo, para abrir o apetite, nada mais, nada menos que... minhocas fritas em conhaque e cheiro verde acompanhadas de fatias de pão!

Não disse que a coisa ia ser brava? Aí está! E por que não fazer carreira por aqui? Não será aperitivo: será almoço e janta! Na França, a fritura é no conhaque... Conosco será na cachaça, mais barata... Molho verde qualquer um planta. O pãozinho é que arranha um pouco o bolso, mas pra almoço e janta até que vai. Uma solução importada para os famintos!

Os pescadores não sentirão falta da isca porque, poluídos como estão nossos rios, ou não há peixes ou eles estão todos viciados em droga e não vão se matar por uma simples oligoqueta.

O prato, dizem por lá, é fino... A dica está dada. Logo, podem começar a cavar e ir retirando as oligoquetas – espécie dos Oligoquetos, classe dos anelídeos, geralmente de vida subterrânea, sem ventosas e com pequeno número de cerdas em cada anel, vulgarmente chamadas minhocas –, fritar em cachaça e cheiro verde, pegar um pãozinho e... Bom apetite!

\*\*\*\*\*

## Velhos tempos...

(3ª parte)

Edival da Silva Castro

Deixando a Estação Ferroviária da Estrela, caminho até o prédio onde funcionava o Contingente 2-12, organização do Exército que fora instalado ali com a finalidade de prestar segurança às repartições da Fábrica Presidente Vargas.

Dando meia volta, fico de frente com o prédio onde funcionava o Ginásio e a Escola Industrial, estabelecimentos que pertenciam ao Departamento de Ensino da FVP.

Estávamos em meados da década de 50. Os amigos do Ginásio eram muitos e os professores inesquecíveis, os quais permanecem incrustados em nossa saudade: João Evangelista do Prado (Latim), Lair (Geografia), Hermínia (História), Nelly (Francês), Dinho Maduro (Inglês), Mário Mendes (Trabalhos Manuais), Dito de Paula (Matemática), Luiz Pantoja (Desenho), Augusto Ribeiro (Diretor do Ginásio e professor de Música), João Vieira (Português), Mazza (Educação Física), Ditinho (Diretor da Escola Industrial).

A Escola Industrial e o Ginásio contavam com dois excelentes orientadores pedagógicos – o Mané Bandeira e o Zé Lemes. O Canjica servia de orientador de alunos durante os intervalos de aulas e recreio.

Velhos tempos, ótimas aulas!

## Histórias de Natal

*Era uma vez...**Toda história começa assim...**Um menino que, talvez, numa miséria sem fim, rodava o ano inteirinho, à procura de vintém.**E esperava animadinho o Papai Noel também.**Que chegou certo dia, Dia alegre de Natal.**O que ele mais queria era um presente legal!**Ele seguiu o Papai Noel, o dia todo, hora a hora.**Veio o momento cruel:**O Papai Noel vai-se embora.**– Papai Noel, um momento, para mim não sobrou nada?**– Meu menino, que tormento, este mundo é complicado...**O que posso eu lhe dizer?**Meu filho, eu sinto tanto, sou pobre como você.**Falou e enxugou o pranto.**Apertou o filho ao peito e fez a Deus uma prece.**Disse: Senhor, dá um jeito, Meu filho também merece.*

Cida Reis

Piquete, 04/12/2011



**A Fundação Christiano Rosa  
deseja a todos um Feliz Natal  
e  
Próspero Ano Novo**





## Vamos viver o nosso próprio tempo...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Há muitas formas de se contabilizar o tempo: horas, meses, estações... Ao se comemorar o ano novo, costuma-se avaliar as promessas feitas no último dezembro. O bom resultado depende do balanço entre as que foram cumpridas e as que não o foram. A retrospectiva é inevitável...

O final de ano me agrada muito mais pelo Natal do que pelo “final do ano” em si. A festa do Menino sempre me atraiu – acho que influência de minha mãe, que também a valorizava. Acredito que o momento é oportuno para uma avaliação, sim, mas de nossa postura espiritual – não me restringindo a religião alguma –, nosso comportamento com relação à tolerância com a diversidade, nosso comprometimento com os valores que definem nosso caráter... No Natal, devemos, especialmente, evidenciar em nossas atitudes a lei máxima da convivência – amarmos ao próximo como a nós mesmos. Se atendida, o ano já tem grande chances de ter valido a pena.

Não dá, é claro, para deixarmos de lado a vida profissional... As metas estabelecidas foram cumpridas? Caso afirmativo, parabéns! Estabeleçam-se novas, mais desafiadoras. Se não foi possível cumpri-las, a análise deve ser ampla – métodos e ferramentas utilizados, equipe, empenho etc. O momento é, porém, de retomada, não de desânimo ou esmorecimento. Como diz o lugar comum: obstáculos devem ser superados. Deve-se ressaltar, porém – a autoavaliação deve ser constante. O “fim do ano” é apenas um marco especial – serve como referência.

Particularmente, conto o tempo com variáveis diversas. Gosto, porém, de me lembrar dos encontros e reencontros com amigos – sejam para comemorar uma vitória ou não – e das novas amizades. Conforme o tempo passa, os diferentes caminhos nos distanciam de pessoas queridas. Os reencontros permitem, na maioria das vezes, o reencontro das ideias partilhadas em tempos já remotos, evidenciam as mudanças físicas, trazem vidas deixadas em algum canto da memória. Penso que reencontros são estimulantes, pois uma saudável comparação permitirá novas posturas e possíveis consertos; encontros e novas amizades também o são, mas com chances especiais de experiências inéditas – novas expectativas e novos olhares.

Vamos contar os anos com nossas experiências! Vamos buscar, assim, viver o máximo! Sendo assim, não importarão as datas, mas os registros. Feliz visita do Menino! Um 2014 de muitas experiências!

## As muitas faces do Senhor

A TV Senado me premiou com uma gravação de alto nível que me fez conhecer grandes cantoras do mundo – doze divas étnicas.

Duas interpretações me chamaram a atenção: a da diva do Mali e a da cantora da Mongólia.

Já conhecia a cantora africana, que atrai por seu porte, por sua voz poderosa, pelas vestimentas e composições de seu povo.

Mas a diva da Mongólia foi uma grande surpresa. Acostumada com os documentários que mostram o povo mongol deslocando-se pelas estepes com suas tendas e seus cavalos, não esperava assistir a um espetáculo de tal nível artístico. Uma surpresa sem limites: o timbre de voz, a movimentação da cantora no palco, o arranjo dos instrumentos.

Depois do prazer da manifestação artística, a grande pergunta:

– Quantas faces tem o Senhor?

Se Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, com a diversidade de aparências do ser humano, como será a face que veremos quando atravessarmos a catraca do Céu?

Fala-se muito em biodiversidade. Ações extremas são levadas a efeito para salvar plantas e animais em perigo de extinção.

O homem também faz parte da biodiversidade do Planeta. Por que não há empenho em manter a antropodiversidade?

O irracional delimita seu território para proteger suas fêmeas e só caça para matar a fome.

O homem não respeita limites de território e, assinalados raros casos de antropofagia, não mata para comer.

O homem criou uma lista enorme de motivos para eliminar seu semelhante. Ou ele enxerga como dessemelhante? Não é verdade que o homem mata dentro do próprio clã, da própria tribo, do próprio povo?

A lista de motivos é enorme: mata por território, por água, por metal, por pedras preciosas, por especiarias, por combustível.

Matar é próprio do homem desenvolvendo ou do homem atrasado?

Um povo que, desde a antiguidade falava em República, em Senado, em Tribunais da Plebe foi capaz de colocar tanques diante de camelos.

Um povo que saiu às ruas pregando con-

tra a opressão e proclamando os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, nem parou para saborear a conquista: saiu destruindo a Europa e, mais tarde, aniquilou povos da África e da Ásia.

Os grandes paladinos das artes e das ciências se iluminaram com códigos e não pouparam nem mesmo o fim do mundo, submetendo a Tasmânia à sua vassoura de morte, não deixando sequer um homem vivo.

Existe um tipo ímpar de ser humano. É o que mata por birra. Mata porque tem birra de Cigano, de Judeu, tem birra de Armênio e de Bósnio. E de birra em birra o mundo vira um grande cemitério.

Minha preocupação agora é com a face de Deus no Brasil.

Aqui Deus tem uma face Tupi, uma face Jê, uma face Aruak, uma face Karib e outras mais.

Homens que vieram pelo mar, em embarcações puxadas por imensas borboletas, desembarcaram no imenso território e açambarcaram 85% dele.

Então o Tupi, o Jê, o Aruak, o Karib e outros mais ficaram com apenas 15% do que lhes pertencia.

O Governo do país com uma política indigenista inconsistente fica mandando antropólogo cata caco de cerâmica e não toma as providências necessárias.

Os indígenas brasileiros estão correndo um sério risco entrando em confronto com empreiteiros e fazendeiros.

As terras indígenas – terras federais, os índios são posseiros – já deviam ter sido demarcadas. Quando a fronteira agrícola começou a avançar, as pessoas responsáveis deste país alertaram o Governo, insistiram na necessidade de apressar o processo.

Mas o homem tem obsessão pela tragédia, pela morte. Enquanto não há morte, não há providências.

O povo do Brasil não pode deixar que a face do Senhor seja machucada, já que se diz que Deus é brasileiro.

A face do Senhor tem muitas cicatrizes. Mataram o Batista, mataram Jesus.

Não podemos admitir que, no Deus que esperamos ver quando entrarmos no Paraíso, faltem a imagem Tupi, a imagem Jê, a imagem Aruak, a imagem Karib e outras mais.

Isto se o Anjo da Catraca nos deixar entrar.

Abigayl lea da Silva





## O verdadeiro sentido do Natal

Aproxima-se a festa do Natal. Para os que têm fé, Natal é a chegada feliz do Menino Deus, que veio ao nosso encontro para nos fazer irmãos e ensinar os caminhos do bem. Veio na frieza da noite para acender em nós o fogo do amor. Veio pobre para nos dar a riqueza de Deus. Os anjos iluminaram a noite e trouxeram a mensagem do céu: “Nasceu hoje para nós o Salvador” (Lc 2,10) – isso era o Natal...

Infelizmente, hoje o Natal é festa comercial: vende-se muito e desperta a vontade de comprar. A festa atual é do comércio. Perdeu-se o clima da reunião da família, em que as crianças se alegravam com seus pequenos presentes. Tudo simples e familiar, re-

cordando a chegada de Deus-Menino.

Entre as cenas tão lindas da chegada de Jesus, de que São Lucas nos dá notícia, uma tem especial sentido para as pessoas idosas. A lei mosaica determinava que o primogênito recém-nascido fosse levado ao templo de Jerusalém e José e Maria levaram o Menino ao templo, cumprindo o preceito da lei antiga. Ali estava providencialmente presente um ancião a quem Deus prometera que haveria de contemplar, na altura de seus vividos anos, o esperado Salvador da humanidade. Por isso, o homem tomou nos braços cansados o Menino de quarenta dias e louvou a Deus por terem seus olhos contemplado com alegria o rosto d'Aquele que

era esperado havia séculos. Sob a brancura dos cabelos, olhos úmidos de alegria incontida, os braços se erguem com a Criança e dos lábios brota o hino de ação de graças: “Agora podes deixar partir este teu servo porque meus olhos já cansados puderam contemplar nesta Criança a salvação que vem de Deus”.

É assim que se espera o Natal e assim que se celebra essa festa. Natal é festa de amor para todos. Na correria das compras, não se deve perder o sentido real da festa da chegada de Deus entre nós. Temos de nos preparar para esse encontro de salvação, de alegria e de graça com o Menino que nos foi dado na noite de Belém.

## Um Menino nos foi dado

A celebração do nascimento de Jesus é uma das mais belas tradições cristãs. A escolha do dia 25 de dezembro para a realização dessa solenidade deveu-se ao fato de que em Roma, como se encontra registrado em um documento de 354, havia uma importante festa religiosa pagã, a celebração do solstício de inverno, o nascimento do Novo Sol, uma divindade, que, após a noite mais longa do ano, retomava o vigor. O frio e as trevas começavam assim a retroceder até que chegasse o verão e um tempo mais fértil, de natureza mais cheia de vida. Era uma festa pagã muito bonita, que marcava o começo de um tempo de esperança. Os cristãos criaram a celebração do Natal para anunciar aos pagãos



algo ainda mais belo: que o sol não era a verdadeira luz e a fonte da verdadeira vida, mas, sim, Jesus, nascido numa manjedoura – Ele é a luz que nos arranca das trevas e torna fecundo nosso viver. A data do Natal do Senhor encontra sua justificativa mais na poesia que na historicidade.

O solstício de inverno coincidia com as férias de Saturno. Nesses dias, os escravos recebiam presentes de seus senhores e podiam sentar-se às mesas de seus donos como homens livres. Eram dias de generosidade. Os cristãos incorporaram esses hábitos à celebração do nascimento de Jesus, de modo que a generosa partilha de dons, o gozo de dias livres de descanso e de liberdade, a igualdade ao redor da mesa

e a fraterna comensalidade passaram a ser elementos constituintes da festa cristã.

Aos poucos, outros elementos foram sendo acrescentados, alargando a celebração natalina. Surgiu entre os séculos IV e VI um tempo de preparação chamado de tempo do advento. No século III, em Alexandria, no Egito, os pagãos celebravam a festa do nascimento do deus Éon, deus do tempo e da eternidade. Nessa ocasião eles retiravam água do Nilo e a conservavam solenemente. Essa festa acontecia na passagem de 5 para 6 de janeiro. Os cristãos do Oriente passaram a celebrar o nascimento de Jesus e seu batismo nessa data, para conservar a certeza de que Jesus era o Senhor do tempo e da eternidade. Afirmavam também que as águas tinham sido sacralizadas por Ele, que

havia se deixado nelas batizar. Essas diversas tradições foram se encontrando e dando, pouco a pouco, forma às celebrações do nascimento de Jesus. Por volta de 380, a festa ocidental de 25 de dezembro começou a ser celebrada também no Oriente, e o dia 6 de janeiro passou a enfatizar mais a memória da visita dos Magos e da manifestação de Jesus aos povos. Essa data não tardou a ser celebrada também no Ocidente, até que tivéssemos não apenas uma celebração natalina, mas o que podemos chamar de o Ciclo do Natal, que começa com o tempo do Advento, passa pelo Natal, pela Epifania e termina com a celebração do batismo.

As celebrações natalinas são repletas de poesia, musicalidade e elementos estéticos que nos enchem de sentimentos nobres e esperança de que a vida pode ser mais bonita, mais iluminada; esperança de que a bondade e a generosidade podem estar mais presentes entre nós. Tudo parece poder se renovar. É o sentimento de que o nascimento de uma criança sempre promove. A novidade não vem do poder do Novo Sol, astro tão grandioso; vem de um menino envolto em faixas, posto em uma manjedoura. Eis a mensagem cristã. Nossa alegria está no despojamento e na simplicidade, na impotência, não na grandeza. O Deus cristão é um menino pobre. Junto a Ele há paz e felicidade. Voltemo-nos à gruta de Belém! Um menino nos foi dado!

**Pe. Fabrício Beckmann**